

Tomás Antonio Moreira
Elza Helena Camargo do Canto e Castro



LHAR SOBRE AS
CIDADES AMERICANAS e
EUROPÉIAS A PARTIR DE
LÉVI-STRAUSS

098

pós-

RESUMO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa sobre a percepção das cidades européias e americanas a partir de uma análise de Lévi-Strauss: o declínio e o progresso dessas cidades. Para a compreensão de sua afirmação foram focados: o ritmo de crescimento da população urbana, a relação entre a urbanização e a industrialização, a dinâmica de centros urbanos e o crescimento de periferias.

ABSTRACT

This work is the result of research on the perception Lévi-Strauss had of european and american cities. He analysed both the decline and the progress of these cities. To better understand his assertion, this study focused the pace of growth of the urban population, the relations between urbanization and industrialization, the dynamics of urban centers as well as the growth of the outlying areas of these cities.

“... Para as cidades européias, a passagem dos séculos constitui um progresso; para as americanas, a passagem dos anos é um declínio.”

Claude Lévi-Strauss, *Tristes tropiques*

(1) “Un esprit malicieux a défini l’Amérique comme un pays qui a passé de la barbarie à la décadence sans connaître la civilisation. On pourrait, avec plus de justesse, appliquer la formule aux villes du Nouveau Monde: elles vont de la fraîcheur à la décrépitude sans s’arrêter à l’ancienneté. [...] Dans les villes du Nouveau Monde, que ce soit New York, Chicago ou São Paulo qu’on lui a souvent comparée, ce n’est pas le manque de vestiges qui me frappe: cette absence est un élément de leur signification. [...] Pour les villes européennes, le passage des siècles constitue une promotion; pour les américaines, celui des années est une déchéance. Car elles ne sont pas seulement fraîchement construites: elles sont construites pour se renouveler avec la même rapidité qu’elles furent bâties, c’est-à-dire mal.” (Claude Lévi-STRAUSS, *Tristes tropiques*, Plon, 1971, p. 106-107)

(2) Octavio Paz, questionando os tipos de decadências, declarou: “Verlaine e Montezuma, Louis XV e Góngora, Boabdil e Gustave Moreau foram chamados de decadentes por razões diversas e opostas.” (PAZ, 1985, p. 37)

Pretende-se, neste estudo, questionar as diferenças, delineadas por Lévi-Strauss, entre as dinâmicas socioeconômicas e dos ciclos de vida das cidades americanas e européias. Em seu livro, *Tristes trópicos*, ele apresenta: “Um espírito malicioso definiu a América como um país que passou da barbárie à decadência sem conhecer a civilização. Poder-se-ia, com maior precisão, aplicar uma fórmula as cidades no Novo Mundo: elas vão do frescor à decrepitude sem parar na antiguidade. [...] Nas cidades do Novo Mundo, seja Nova Iorque, Chicago ou São Paulo, freqüentemente comparadas, não é a falta de vestígios que assusta: esta ausência é um elemento de sua significação. [...] Para as cidades européias, a passagem dos séculos constitui um progresso; para as americanas, a passagem dos anos é um declínio. Elas não são apenas recentemente construídas: elas são construídas para se renovar com a mesma rapidez que elas foram edificadas, isto não é bom.”¹ (*Tristes tropiques*, Plon, 1971, p. 106-107)

Embora suas colocações tenham sido baseadas nas diferenças temporais entre essas cidades, algumas considerações devem ser feitas a esse respeito, em especial quanto à caracterização do declínio das cidades americanas e progresso ou ascensão das européias.

Deve-se considerar que, ao utilizar a palavra declínio², Lévi-Strauss exagera na definição do estado atual das cidades americanas. Lévi-Strauss, quando utiliza esse termo, descreve parcialmente a situação dessas cidades e excede-se ao utilizá-lo para fazer referência ao fim de uma cidade ou de uma civilização. Esse termo é apropriado para classificar cidades que possuem ciclos de mudança mais curtos e processos diferenciados de formação, comparativamente, às cidades européias. Esse raciocínio conduz às seguintes indagações:

1. Como falar em declínio diante de uma realidade de rápida transformação?
2. As cidades americanas não seriam, sobretudo, a representação de uma época crepuscular do que de declínio, cujo maior predicado se evidenciaria pelo rápido crescimento dessas cidades?

Esse rápido crescimento provocou uma condensação das etapas que consolidaram a cultura americana, deixando-a mais receptiva à modernidade e menos enraizada às tradições. As cidades européias, resultantes de ciclos mais lentos de transformações, são muito mais enraizadas às tradições e tornam-se seletivas em relação às mudanças ocasionadas pela modernidade.

(3) Sobre esse paradoxo, Octavio Paz afirma, atualmente: *“a anomalia histórica parou e os Estados Unidos entram na normalidade. Eles podem se reconhecer sem se envergonhar entre os grandes impérios do passado. Eles encontraram a mortalidade: eles possuem uma história.”* (PAZ, 1985, p. 35-36)

As cidades européias e americanas não possuem a mesma formação temporal nem tiveram a mesma composição de ciclos de vida. Conforme Lévi-Strauss, as primeiras são *“les villes des traditions”*, cidades de acumulação de anos de história. As americanas são *“les villes du commencement”*, cidades que não perpetuam a tradição, mas consagraram um novo tempo a partir de seu rápido crescimento. A idéia de estabelecer um novo período, abstraindo o passado, repete-se sem cessar ao longo da história americana. Cada um de seus episódios se definiu não em relação ao passado, mas, preferencialmente, ao futuro. O caso dos Estados Unidos é o exemplo mais relevante. Eles se caracterizaram por progredir pela *“de la tradition d’être nouveau”*, da tradição de serem novos, fazendo alusão a um constante nascimento de um mundo novo, bem como de uma nova civilização. Contudo, nos bastidores desse cenário se esconde a própria contradição desse país: os Estados Unidos, ao ignorar as tradições, ao propor um mundo novo, paradoxalmente, cultuam a própria história³.

Quando Lévi-Strauss diz que a América não conhece a civilização, considera-se que essa afirmação não reconhece que a América seja o resultado de 4.000 anos de história européia, e, ao mesmo tempo, o reconhecimento da civilização ocidental a partir das primeiras civilizações do continente americano, maya, asteca ou inca.

Conforme propõe Lévi-Strauss, pode-se afirmar que a passagem dos séculos representou um declínio para as cidades americanas e um progresso para as cidades européias? Ou ainda: o progresso das cidades americanas não se diferencia do encontrado nas cidades européias? Não existiriam progressos e declínios em ambos os casos, considerando as características e dinâmicas próprias?

As diferenças das dinâmicas entre cidades européias e americanas podem ser observadas por meio de quatro pontos que fazem parte da análise a seguir:

1. O ritmo de crescimento da população urbana;
2. a relação entre urbanização e industrialização;
3. a dinâmica do centro urbano;
4. o processo de formação da periferia.

O RITMO DE CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO URBANA

A Europa e a América apresentam ritmos diferentes de crescimento de população urbana. O velho continente passou por transições demográficas de maneira menos acentuada que na América, verificadas nas taxas de: mortalidade, natalidade, imigração e emigração (BAIROCH, 1985; PINOL, 1991). No caso americano encontra-se ritmo de crescimento diferente: em especial um rápido crescimento na parte central e sul do continente.

O resultado da relação entre a população urbana e rural na Europa e na América influenciou os processos de desenvolvimento de suas cidades e acentuou as diferenças entre elas. A divisão da população urbana, assim como suas respectivas dimensões, definem as diferenças entre suas dinâmicas. Na Europa, a população urbana se distribui mais uniformemente sobre o território, mesmo sabendo da existência de um maior desenvolvimento urbano da Inglaterra à Itália, seguindo o vale do rio Rhin. Na América a distribuição da população urbana se deu de maneira mais concentrada nas metrópoles. Exemplo disso é a planície litorânea atlântica na América do Norte, um dos espaços de maior concentração de população urbana. As grandes cidades, tanto na América do Norte como na do Sul, são também caracterizadas por uma forte concentração populacional (PINOL, 1991; MONNET, 1996; SABBAAH, 1996).

Além do fator descrito acima, as transformações econômicas são também elementos importantes a serem observados. As revoluções industrial e agrícola são fenômenos que contribuíram para modificar a vida das cidades. O crescimento da população urbana, provocado pelo aumento da produção alimentar, resultante da revolução agrícola, contribuiu, conjuntamente à Revolução Industrial, ao processo acelerado da urbanização (DAVIS, 1965; BAIROCH, 1985).

A RELAÇÃO ENTRE URBANIZAÇÃO E INDUSTRIALIZAÇÃO

A relação entre urbanização e industrialização apresenta características diferentes na Europa e na América, em especial pelos diferentes níveis de urbanização. Em um primeiro momento, esses continentes apresentavam processos semelhantes de urbanização; somente após a Revolução Industrial eles se alteraram.

A urbanização contribuiu ao início da Revolução Industrial (LEFEBVRE, 1974; BAIROCH, 1985), a qual transformou profundamente a amplitude e a forma da urbanização. Antes que a Revolução Industrial causasse nos países desenvolvidos, tanto na Europa como na América do Norte, um processo de urbanização acelerado, os futuros países em via de desenvolvimento possuíam nível de urbanização parecido com o da Europa (BAIROCH, 1985). Somente após essa revolução, os níveis de urbanização dos países desenvolvidos da Europa e da América cresceram mais do que os dos países em desenvolvimento.

Nos países desenvolvidos a urbanização do século 19 teve como foco o crescimento da produtividade agrícola e um forte processo de industrialização, enquanto nos países em desenvolvimento a urbanização foi caracterizada como sendo sem excedente agrícola e industrialização (LEFEBVRE, 1974; BAIROCH, 1985).

A urbanização não pode ser caracterizada unicamente como a transferência demográfica da população da zona rural à urbana, mas deve ser

identificada por novas condições, valores e necessidades da sociedade (HOHENBERG, 1992).

Da mesma forma que as mudanças demográficas, as diferentes características socioeconômicas transformam a percepção da urbanização, como analisado por diferentes correntes de pensamento. Os teóricos clássicos – Marx, Weber e Durkheim –, consagrando suas análises sobre a urbanização, a partir da implicação de forças sociais e suas transformações (ABRAMS, 1978; CLAVAL, 1992), deram ênfase aos seguintes fatores: as lutas sociais, as organizações sociais e a divisão social do trabalho. Eles procuraram, tendo como pressupostos esses fatores, especificar as dinâmicas socioeconômicas próprias a cada sociedade (WEBER, 1921; MARTINDALE, 1966; KATZNELSON, 1992). Os culturalistas – Simmel, Tonnies e Spengler –, considerando os tipos e condutas das organizações sociais, identificaram as dinâmicas sociais atribuídas às diferentes sociedades para caracterizar a urbanização (SIMMEL, 1903). Os teóricos da Escola de Chicago – Park, Wirth e Burgess –, valorizando as relações sociais partindo do contexto dos Estados Unidos, interpretaram as formações territoriais como as expressões derivadas dos processos das relações sociais urbanas associadas às forças econômicas de cada sociedade e aos ritmos do crescimento urbano (BURGESS, 1925; PARK et WIRTH, 1926). Os teóricos da Escola Francesa de Sociologia Urbana – Lefebvre e Castells –, considerando mais que o caráter social do espaço urbano, identificaram o valor desse espaço como suporte e componente das transformações sociais (LEFEBVRE, 1970). Segundo Castells, a urbanização pode ser considerada como um processo da organização e do desenvolvimento do espaço engendrado pelas relações entre forças produtivas, classes sociais e formas culturais (CASTELLS, 1988). Para esses teóricos o fenômeno da urbanização se refere, portanto, ao estabelecimento das formas espaciais específicas das sociedades, como a existência e a difusão das dinâmicas socioeconômicas e culturais particulares. Pode-se, então, compreender a estrutura específica das cidades européias e americanas enquanto resultado das dinâmicas históricas das sociedades respectivas e também enquanto combinação particular dos elementos de suas estruturas sociais e econômicas.

Em um panorama mais recente, outras linhas teóricas fazem referência à urbanização. Os teóricos da Escola da Regulação, estudando as mudanças econômicas urbanas, consagraram suas interpretações sobre os novos modos de regulação e os regimes de acumulação, e sobre os mecanismos de distribuição e localização do produto social para melhor compreender as transformações atuais das sociedades (FILION, 1993). A análise dessas mudanças foi desenvolvida a partir da pesquisa sobre as inovações tecnológicas (ASCHER, 1995), o desenvolvimento econômico financeiro (SASSEN, 1996), as inovações organizacionais e as estruturas institucionais (BILLAUDOT, 1995; VILLEVAL, 1995), assim como as relações de força na sociedade (REMY et VOYÉ, 1992). Todos esses são fatores inerentes aos tipos de urbanização.

Com a análise sobre esse fenômeno, as diferentes correntes de pensamento destacaram as dinâmicas sociais, econômicas, culturais e políticas próprias tanto à sociedade europeia quanto à americana.

A DINÂMICA DO CENTRO URBANO

As cidades européias e as cidades americanas apresentam diferenças quanto à estrutura urbana da área central. No caso europeu, incidiu uma forte concentração das funções administrativas, comerciais e de serviço no centro da cidade. Processo ocorrido por um período muito mais curto nas cidades americanas do que nas européias.

No interior das cidades norte-americanas se verificam diferenças entre as estruturas urbanas centrais. As cidades da América do Norte sofreram mais transformações em seu centro que as da América Central e do Sul. Essa diferença pode ser explicada segundo:

- Os diferentes processos de desenvolvimento social, econômico e político;
- as escolhas de localização de atividades ou grupos de atividades⁴ de produção e consumo;
- as concorrências espaciais;
- a influência da estrutura espacial na organização de atividades;
- a escolha da localização de classes sociais;
- as transformações e valorizações das redes de transporte (CLAVAL, 1968; DURAND-LASSERVE, 1986; TELLIER, 1993);
- as formas de colonização no interior do continente (MARX, 1991).

Ao contrário das estruturas urbanas centrais européias, os centros das cidades americanas não se confinam geograficamente, pois grande parte de suas atividades econômicas foi expandida para além da área central (ASCHER, 1995).

A estabilidade das áreas centrais européias sempre ocorreu, apesar da instabilidade de suas configurações territoriais, resultantes históricas de modificações políticas e administrativas (HOHENBERG, 1992; BENEVOLO, 1993). Isso se verifica porque as cidades européias tiveram seus centros, constantemente, reinvestidos dentro do mesmo tecido urbano (BRAUDEL, 1979). Observação válida também para as cidades americanas, mas estas apresentaram outros resultados.

Pode-se observar a expansão geográfica dos centros americanos, mas sua adequação, em face de seu crescimento, é mais perceptível no caso sul-americano e, mais notadamente, nas grandes cidades dessa parte do continente. Tanto na Europa como na América do Sul importantes funções desenvolvidas nas áreas centrais deslocaram-se sem suscitar forte impacto de expansão, como o verificado nas cidades norte-americanas.

Além dessa análise sobre o contraste entre os centros, deve-se ter em conta os processos de formação de suas periferias.

(4) Atividades relacionadas ao comércio de atacado, bancos, estabelecimentos de créditos, empresas financeiras, editoras, rádio e televisão, administrações públicas, hospitais, instituições de ensino, indústria e atividades de lazer, entre outros.

O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA PERIFERIA

A formação da periferia é um fenômeno comum nas estruturas urbanas na Europa e nas Américas. Essas formações evoluíram, estabelecendo processos de desenvolvimento diferentes. A periferia é um fenômeno antigo. Para Ebner, ela é originária da Idade Média européia (EBNER, 1997) e, segundo Munford, é precedente de períodos anteriores à Idade Média. Para ele, grupos de pessoas já se estabeleciam em zonas periféricas, fora de muros das cidades, na época helênica. Afirma ainda que vestígios da formação de áreas periféricas podem ser encontrados nas pinturas egípcias (MUNFORD, 1978).

É a partir do fim do século 18 e início do 19 que um novo êxodo de pessoas em direção a espaços distantes das cidades apareceu com maior intensidade. Como exemplo, o fato ocorrido nas proximidades de Londres, quando um conjunto de caminhos, pontes e sistemas rudimentares de transporte favoreceu o estabelecimento de pequenas comunidades inglesas. Ebner e Munford entendem que a formação da periferia moderna é, portanto, reflexo desses períodos anteriores.

O crescimento das periferias provocou modificações significativas tanto no contexto social das cidades como na ordem espacial, e isso ocorreu diferentemente na Europa e nas Américas. O desenvolvimento das periferias pode ser observado pelos seguintes fatores:

- O desenvolvimento dos sistemas de transporte;
- a localização da população;
- os investimentos públicos e privados;
- a evolução da localização das funções de produção e consumo.

Esses fatores se desenvolveram de maneira distinta e em períodos específicos nas cidades, criando impactos diversos e influenciando, diferentemente, o desenvolvimento das periferias de cada um dos continentes.

O estabelecimento das periferias esteve relacionado ao progresso dos meios de transporte, os quais provocaram e acentuaram a orientação dos modos de inserção e localização da população urbana (CERDA, 1867; MEURIOT, 1919; ASCHER, 1995). O desenvolvimento dos sistemas de transporte: cavalos, trens a vapor e automóveis, teve um papel fundamental no processo de formação das periferias. A implantação desses sistemas e das infra-estruturas nas cidades está diretamente relacionada ao desenvolvimento. Ambos geraram diferentes níveis de formação de periferias e evoluíram de maneira semelhante, em um mesmo período na Europa e na América do Norte. Contudo, de forma diversa, esses sistemas evoluíram de maneira diferente na América Central e do Sul, produzindo outras condições e criando outros impactos na formação das periferias. Esses elementos contribuíram, na Europa e na América do Norte, para a formação de periferias destinadas às classes média e alta⁵, enquanto na América Central e do Sul favoreceram o estabelecimento de periferias destinadas a classes sociais mais

(5) O termo subúrbio (*suburbs*) é comumente utilizado na América do Norte para designar essas periferias.

baixas. Isso permite a visualização de duas estruturas espaciais de periferias, distintas com relação às classes sociais.

Na América Central e do Sul se estabelecem periferias semelhantes às da América do Norte e Europa. Contudo, esses processos não se desenvolvem da mesma maneira, nem apresentam o mesmo resultado. Desses processos decorre uma outra configuração urbana e de desenvolvimento de periferias.

Em um primeiro momento, as condições para o desenvolvimento das periferias permitiram a formação de cidades dormitório, que se transformam, em seguida, em periferias com serviços de consumo. Essa evolução tornou as periferias cada vez mais independentes das cidades originárias. Esse modelo sempre foi desenvolvido nas grandes cidades dos países em desenvolvimento da América. Pode-se identificá-los como um modelo de periferia da Apartheid Urbana (SAMPAIO, 1995) ou de guetificação sociocultural (MULLER, 1986), em que a segregação social é definida em relação ao conjunto da estrutura urbana. Esse modelo de periferia é o reflexo das dinâmicas econômicas e sociais próprias de cada país.

A diferença entre a formação das periferias na Europa e na América é constatada segundo a localização das classes sociais. Na Europa há uma forte concentração das classes média e alta na área central, como também na América Central e do Sul. Em oposição, na América do Norte essas mesmas classes se localizam no exterior do perímetro central (MORICONI-ÉBRARD et PUMAIN, 1996).

A diferença dos processos de formação de periferias é identificada entre os valores das culturas anglo-americana, latino-americana e européia (FISHMAN, 1987). As dinâmicas de localização das classes sociais são influenciadas por sistemas de regulamentação fundiária, transformações de conjuntos habitacionais, preços de locação e equipamentos públicos. As formas de divisão social que se reproduzem no espaço não são, unicamente, o resultado de um processo de localização de classes sociais no espaço urbano, mas o resultado de sistemas de investimentos públicos e privados. A formação de periferias é, geralmente, induzida pelo setor privado; entretanto, constatou-se que nos EUA o investimento público favoreceu a formação das mesmas. Nesse país, a periferia se submeteu a um processo particular de desenvolvimento, configurando a uma estrutura de periferias bem específica.

A dinâmica da formação de periferias nos EUA cresceu após a Segunda Guerra Mundial e modificou a estrutura geográfica das cidades, ocorrendo com maior visibilidade do que nas cidades européias ou outros países americanos. Observa-se que 44% da população norte-americana vivia, em 1990, em periferias (MULLER, 1986). O aumento do número de periferias nos EUA, resultante da desconcentração metropolitana de empresas, estabelecimentos públicos, indústrias e de serviços especializados (FISHMAN, 1987) constitui um papel importante para a compreensão moderna das transformações espaciais urbanas.

Isto porque demonstra o impacto das dinâmicas socioeconômicas, culturais e políticas que se produzem atualmente no espaço.

As periferias norte-americanas passaram por transformações importantes em suas composições: do *status* de cidades dormitórios à condição de periferia: a abrigar vários tipos de atividades, tornando-se cada vez mais autônomas, social e economicamente, de suas cidades originárias, como coloca Garreau a respeito das *edges cities* (GARREAU, 1994). Sobre esse assunto Ascher considera que as periferias se tornaram uma entidade em si, mas não totalmente independentes da estrutura urbana original, seja na escala da metrópole seja da metápole (ASCHER, 1995). Na mesma orientação, mas com alguma divergência, Fishman se refere às periferias atuais como entidades autônomas, as *technoburbs*, considerando-as como pólos importantes nas novas dimensões urbanas (FISHMAN, 1987). Essa estrutura polinuclear de cidade é também mencionada por Gottdiener para a compreensão das novas funções da estruturas urbanas (GOTTDIENER, 1993).

CONCLUSÃO

O desenvolvimento desses quatro temas permitiu constatar que as diferenças das cidades européias e americanas não definem progressos ou declínios específicos, conforme apresentou Lévi-Strauss. Como verificado nos temas, cada cidade apresenta uma especificidade própria e é resultante de suas manifestações históricas. Isso endossa a idéia que processos semelhantes e até mesmo paralelos entre essas cidades conduzem a resultados diferentes. Estes modelam a *performance* ou declínio ou progressos das cidades. Dessa forma, a passagem dos séculos não representa um declínio para as cidades americanas nem um progresso das cidades européias. Essa passagem contribuiu para definir o estado atual das cidades da Europa e das Américas, estabelecendo diferentes atuações territoriais.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMS, Philip. Towns and economic growth: Some theories and problems. In: ABRAMS, Philip; WRIGLEY E. A. (Dir.). *Towns in societies: Essays in economic history and historical sociology*. Londres: Cambridge University Press, 1978.

BAIROCH, Paul. *De Jérico à Mexico. Villes et économie dans l'histoire*. Paris: Gallimard, 1985. 708 p. (Collection Arcades).

BENEVOLO, Leonardo. La formation d'un nouveau système urbain. In: *La ville dans l'histoire européenne*. Paris: Seuil, 1993.

BILLAUDOUT, Bernard. Formes institutionnelles et macro-économie. In: BOYER, Robert; SAILLARD, Yves, (Dir.). *Théorie de la régulation. L'état de savoirs*. Paris: La Découverte, 1995.

- BRAUDEL, Fernand. Les villes. *Civilisation matérielle, économique et capitalisme XVIe-XVIIIe siècles. Tome 1, Les structures du quotidien: le possible et l'impossible*. Paris: Colin, 1979.
- BURGESS, Ernest W. The growth of the city: An introduction to a research project. In: LE GATES, Richard T.; STOUT, Frederic. *The city reader*. Nova York: Routledge, 1996.
- CASTELLS, Manuel. *La cuestión urbana*. México: Siglo XXI, 1988. 517 p.
- CLAVAL, Paul. La théorie des villes. In: RONCAYOLO, Marcel; PAQUOT, Thierry (Dir.). *Villes et civilisation urbaine, XVIIIe-XXe siècle*. Paris: Larousse, 1992.
- DAVIS, Kingley. The urbanization of the human population. In: LE GATES, Richard T.; STOUT, Frederic. *The city reader*. Nova York: Routledge, 1996.
- EBNER, Michel. American cities, suburbs, and the dual metropolis. (Bibliog. essay). *H-Urban*, 1997.
- FILION, Pierre. *Urbanisation et transition économique: du fordisme à l'après-fordisme*. Ontario: Université de Waterloo, 1993. 33 p.
- FISHMAN, Robert. Beyond suburbia: The rise and fall of the technoburb. In: FISHMAN, Robert. *Bourgeois Utopias: The rise and fall of suburbia*. Nova York: Basic Books, 1987.
- GARREAU, Joel. Edge cities in profile, *American Demographics*, v. 16, n. 2, p. 24-33, 1994.
- GOTTDIENER, Mark. *A produção social do espaço urbano*. São Paulo: Edusp, 1993. 310 p.
- HOHENBERG, Paul. L'industrialisation et les villes. In: HOHENBERG, Paul M.; LESS, Lynn Hollen. *La formation de l'Europe urbaine, 1000-1950*. Paris: Presses Universitaires de France, 1992.
- KATZNELSON, Ira. Marxism and the city. *Marxism and the city*. Nova York: Clarendon Press, 1992.
- LEFEBVRE, Henri. Industrialisation et urbanisation. In: RONCAYOLO, Marcel; PAQUOT, Thierry (Dir.). *Villes et civilisation urbaine, XVIIIe-XXe siècle*. Paris: Larousse, 1974.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes tropiques*. Paris: Plon, 1971.
- MARTINDALE, Don. Prefatory remarks: The theory of the city. In: WEBER, Max. *The city*. Nova York: The Free Press, 1996.
- MARX, Murilo. *Cidade no Brasil, terra de quem?* São Paulo: Nobel, 1991. 142 p.
- MEURIOT, Paul. Du concept de ville d'autrefois et aujourd'hui. In: RONCAYOLO, Marcel; PAQUOT, Thierry (Dir.). *Villes et civilisation urbaine, XVIIIe-XXe siècle*. Paris: Larousse, 1992.
- MONNET, Jérôme. L'Amérique Latine. In: PAQUOT, Thierry (Dir.). *Le monde des villes. Panorama urbain de la planète*. Bruxelles: Complexe, 1996.
- MORICONI-ÉBRARD, François; PUMAIN, Denise. L'Europe. In: PAQUOT, Thierry (Dir.). *Le monde des villes. Panorama urbain de la planète*. Bruxelles: Complexe, 1996.
- MULLER, Peter Oskar. L'urbanisation des banlieues ou la banlieue américaine aujourd'hui. In: RONCAYOLO, Marcel; PAQUOT, Thierry (Dir.). *Villes et civilisation urbaine, XVIIIe-XXe siècle*. Paris: Larousse, 1992.
- MUNFORD, Lewis. O subúrbio e depois. *A cidade na história. Suas origens, suas transformações, suas perspectivas*. São Paulo: Brasiliense, 1978.
- PARK, Robert; WIRTH, Louis. L'École de Chicago et la ville. In: RONCAYOLO, Marcel; PAQUOT, Thierry (Dir.). *Villes et civilisation urbaine, XVIIIe-XXe siècle*. Paris: Larousse, 1992.
- PAZ, Octavio. États-Unis: la démocratie impériale. *Une planète et quatre ou cinq mondes. Réflexions sur l'histoire contemporaine*. Paris: Gallimard, 1985.
- PINOL, Jean-Luc. *Le monde des villes au XIXe siècle*. Paris: Hachette, 1991. 230 p.
- REMY, Jean; VOYÉ, Liliane. *La ville: vers une nouvelle définition*. Paris: L'Harmattan, 1992. 173 p.
- SAMPAIO, Plinio de Arruda. L'apartheid urbain dans les grandes villes. *Le Monde Diplomatique*. Paris: Le Monde Diplomatique, 1995.

- SABBAH, Catherine. L'Amérique du Nord. In: PAQUOT, Thierry (Dir.). *Le monde des villes. Panorama urbain de la planète*. Bruxelles: Complexe, 1996.
- SASSEN, Saskia. *La ville globale. New York, Londres, Tokio*. Paris: Descartes & Cia. 1996. 530 p.
- SIMMEL, Georg. Métropoles et mentalités. In: RONCAYOLO, Marcel; PAQUOT, Thierry (Dir.). *Villes et civilisation urbaine, XVIIIe-XXe siècle*. Paris: Larousse, 1992.
- VILLEVAL, Marie-Claire. Une théorie économique des institutions. In: BOYER, Robert; SAILLARD, Yves (Dir.). *Théorie de la régulation. L'état de savoirs*. Paris: La Découverte, 1995.
- WEBER, Max. Définir la ville. In: RONCAYOLO, Marcel; PAQUOT, Thierry (Dir.). *Villes et civilisation urbaine, XVIIIe-XXe siècle*. Paris: Larousse, 1992.

PALAVRAS-CHAVE (KEY WORDS)

Cidades européias e americanas, crescimento populacional, urbanização e periferização.

European and american cities, population growth, urbanization, growth of outlying areas.

Tomás Antonio Moreira

Arquiteto pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, mestre pela Université Catholique de Louvain e doutorando – Université du Québec à Montreal. Atualmente é professor da Universidade Santa Cecília e do Institut pour la Ville en Mouvement, Brasil.

Elza Helena Camargo do Canto e Castro

Arquiteta pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas e mestre pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Atualmente presta serviço ao MinC/IPHAN.